



Memória e Resistência em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto

Fabiana Avelino¹

Universidade de Pernambuco
avelinofabiana4@gmail.com

Deividy Ferreira dos Santos²

Universidade Cândido Mendes
deividyferreira@outlook.com

Resumo: A literatura de Mia Couto transita em um espaço entre a tradição europeia e o saber local. Partindo dessa ótica, recorreremos a fontes históricas para pudermos apresentar as fortes ligações existentes entre uma Moçambique desolada por guerras e destruições e a literatura difundida por Mia Couto, particularmente no romance *Terra Sonâmbula* (1992). Tomando o romance como objeto de análise, observaremos com exatidão a noção de tempo e espaço que configura o cenário da obra, viabilizando os principais episódios que sucedem a narrativa e o efeito de sentido que afeta as personagens, bem como toda uma nação fragilizada pela guerra.

Palavras-chave: Literaturas Africanas – Mia Couto – Romance – Resistência

Abstract: The Mia Couto's literature transits for a space between traditional European and the knowledge local. Going for this vision, we resorted historical sources for we can introduce this, there are strong connections between a desolate Moçambique by wars and destruction and the literature disclosed for Mia Couto, particularly in "Terra Sonâmbula" (sleepwalking earth- translating for english) (1992). Taking the romance as an object of analysis, we can observe with notion accuracy of time and space which sets up

¹ **Fabiana Avelino** é Graduada em Letras em Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas (UPE). Desde a graduação, vem desenvolvendo estudos voltados para a obra do escritor moçambicano Mia Couto, com especial atenção as seguintes temáticas: construção de identidade(s), Literatura e Memória, Literatura e Sociedade, Tradição oral e as interfaces entre Brasil e África. Participou, no ano de 2016, do grupo de estudo "DISCENS", na Universidade de Pernambuco. Atualmente é Professora de Língua Portuguesa na Escola Municipal Vereador Eliel Peixoto de Melo no município de Vila Neves - Jucati/PE. Tem interesse pelas seguintes áreas: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

² **Deividy Ferreira dos Santos** é Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (UCAM), Graduado em Letras em Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas (UPE). Atualmente é professor na EREM Henrique Justino de Melo. Exerceu, como bolsista da CAPES, no período entre 2017-2018, a função de Tutor a distância no curso de Pós-Graduação em Letras na modalidade EAD pela Universidade de Pernambuco UPE/UAB. Atuou como Professor Mediador Voluntário de Língua Portuguesa no Programa Novo Mais Educação em 2017. Atuou como Professor do curso de Português no Programa de Línguas e Informática UPE (PROLINFO) em 2015. É membro efetivo da *Equipe Técnica* da Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade (UPE).

the work scenario, proportioning main episodes that succeeded the narrative and then the effect which affect the characters as well as whole nation weakened by wars.

Keywords: African Literatures – Mia Couto – Novel – Resistance

História e Literatura: o método fictício e real como ressignificação da arte literária

Primeiro romance escrito por Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, foi publicado em 1992, período de tensões políticas e sociais presentes em Moçambique. É essencialmente um romance que mescla a língua dos portugueses com os saberes africanos, atualizando essa aproximação, como se o autor buscasse no português uma hegemonia da sobreposição das tradições africanas. Como pano de fundo, a obra mistura um mundo de sonhos com sua realidade caótica de guerras e devastações; um sentimento que mescla à agressividade da guerra e à passividade do sono.

Após enfrentar dez anos de exploração colonial (1965-1975), Moçambique conquista sua independência em junho de 1975, e logo em seguida, é atropelada por uma guerra civil que se estendeu por mais de dezesseis anos, refletindo em questões políticas e sociais. A situação do país torna-se caótica doravante o conflito entre o FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), partido responsável pela emancipação política de Moçambique, e o grupo RENAMO, partido opositor ao governo. Desse modo, visando interesses internos, tentaram sufocar a diversidade cultural e estimular as contradições e rivalidades entre vários grupos étnicos, impedindo qualquer tipo de manifestação que viesse a tornar possível a simples idealização ou sonho de uma nação moçambicana.

É nesse panorama de guerras e devastações que surge a literatura de Mia Couto, de cunho surrealista e com tons propensos à modernidade, já que é impossível descrever o horror usando palavras objetivas, o autor se utiliza de artefatos poéticos, misturando o real e o imaginário e faz um uso ostensível das metáforas, intensificando a grandeza da obra, na qual as personagens protagonizam um cenário de dor e esperança. Em entrevista a Nelson Saúte, Mia Couto fala a respeito do que pensa ser a missão de um escritor em seu país:

O escritor moçambicano tem uma terrível responsabilidade: perante todo o horror da violência, da desumanização, ele foi testemunha dos demônios que os preceitos morais contêm em circunstâncias normais. Ele foi sujeito de uma viagem irrepetível pelos obscuros e telúricos subsolos da humanidade. Onde outros perderam a humanidade. O escritor deve ser um construtor da esperança. Se não for capaz disso, de pouco valeu essa visão do caos, esse Apocalipse que Moçambique viveu (Secco 114).

Ainda sobre essa questão, em seu livro *Pensatempos*, Couto elucida essa postura do escritor: “Os escritores moçambicanos cumprem hoje um compromisso de ordem ética: pensar esta Moçambique e sonhar com outra Moçambique” (Couto *Terra Sonâmbula* 67). Ou seja, a literatura transforma-se em escrita de resistência, uma forma de sobrevivência disseminada pelo caos que povoa o país, dando vazão à possibilidade de reconstrução de um novo tempo.

Terra Sonâmbula é um livro errante, que retoma as consequências da guerra que atravessara o país, ou seja, narra o mapeamento das dificuldades enfrentadas na construção de Moçambique, como nação independente. Do mesmo modo, é narrada a dor e o sofrimento da população, bem como a ruptura das tradições culturais e a desintegração social, as atrocidades cometidas contra as populações, a desestruturação familiar e as identidades coletivas, que foram destruídas em decorrência da guerra e, conseqüentemente, o confronto entre os valores ancestrais e modernos. Simultaneamente, ecoa nas narrativas, a força das tradições e do imaginário cultural como artifício de relutância e estímulo à esperança.

Nesse sentido, a ligação acerca da recente história de Moçambique, torna-se perceptível, como também seu passado de colônia portuguesa. Dessa forma, nesse romance, é nítida a relação entre literatura e história. Mía Couto busca recriar, na ficção, um momento crucial da realidade moçambicana, que é a recente guerra civil, como estratégia contra o esquecimento, o sublime ou o horror. Acerca dessa ligação entre História e Literatura, Beatriz Sarlo nos explica que:

Há textos literários (e não necessariamente realistas, aparentemente mais próximos de uma trama referencial) que continuarão sendo entendidos em sua trabalhada e complexa relação com a história. É possível que nem todas as chaves para sua compreensão estejam ali, mas as indagações que abrem também precisam da história para buscar uma

resposta. Deixam suas perguntas abertas, provocam por meio delas. Um poeta, afirma Denise Levertov numa paráfrase corrigida de Ibsen, é alguém que, de certo modo, registra as perguntas de seu tempo. Portanto, ler pode ser a descoberta/reconhecimento dessas perguntas que fundam a historicidade de um texto, e paradoxalmente, sua permanência. Para Levertov, o poeta não procura respostas e sim perguntas: indaga sobre aquilo que, numa época, parece, além de todo princípio de compreensão, a resistência que o horrível, o sinistro, o sublime, ou o trágico opõem a outras formas do discurso e da razão (Sarlo 193).

Seguindo essa dialética, Couto realiza notadamente essa estratégia. Como afirma Paiva (2000), “elementos da realidade são organizados segundo uma verdade criada pela própria obra” (297), nas falas de Fonseca e Cury (2008): “O espaço da guerra é o do próprio romance *Terra Sonâmbula*” (Fonseca; Cury *Mia Couto: espaços ficcionais* 48). Isto é, essas concepções corroboram para o fato de que o cenário da obra é ampliado de uma maneira a confundir a ficção com a própria realidade do país. Como fica visível no seguinte fragmento do livro: “A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma” (17).

Nesse contexto, buscamos averiguar essa relação entre História e Literatura, no intuito de atingir uma abordagem que mescle as questões políticas e sociais em conformidade com o modo com que Mia Couto arruma-as no romance e de que maneira são articuladas, tendo em vista o contraponto que o autor faz entre a guerra e a idealização de um novo tempo.

Tempo e espaço: o cruzamento entre diferentes temporalidades

Tendo em vista que o romance delineasse num espaço periférico atravessado pela devastação e abandono – atual Moçambique, proveniente de uma pós-independência e uma conseqüente guerra civil, o romance *Terra Sonâmbula* compreende duas histórias simultâneas, a primeira, parte da história de Tuahir, um velho, e Muidinga, um jovem, retirantes fugidos das atrocidades do tempo presente, arrasado pela guerra; e a segunda, protagonizada por Kindzu, que se inicia quando as personagens da primeira narrativa encontram ao lado de um dos corpos, vítima dos bandos, uma mala com cadernos e começam a leitura. Ambas

contemplam a busca da aglutinação entre presente e passado, tradição e modernidade, objetivando o direcionamento do texto para a recriação da cultura moçambicana, até então fragmentada e abandonada no decorrer do tempo.

Esse espaço devastado pela guerra fica explícito desde o primeiro capítulo do livro e se encontra por todo o percurso do romance. Tuahir e Muidinga são andarilhos de um país assolado pela guerra, vagando juntos numa “estrada morta”, à procura de dias melhores. Desde o início do texto, nos deparamos com a imagem de um cenário esfacelado, onde se darão as ações, vejamos:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam a boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se torna impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, eram resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma (9).

Essa passagem descreve sistematicamente a realidade sombria que caracterizava a atual Moçambique. “Os viventes se acostumaram ao chão” e “a estrada que não se entrecruza com nenhuma outra”, são fragmentos que parecem representar bem a sensação de descaso, abandono e ausência de rumo que vivencia a nação moçambicana. Assim, reconhecemos também a forte ligação do homem com a terra, simbolizada de diversas maneiras³ no decorrer do livro.

Desse modo, pois:

Grupta e Ferguson (2000), ao chamar a atenção para o olhar descuidado da antropologia sob as noções de espaço e lugar, auxiliam sobremaneira as nossas reflexões acerca da obra de Couto. Os autores apresentam-nos uma discussão bastante significativa desses conceitos a partir das noções de deslocamento, comunidade e identidade, cultura e diferença cultural (Diogo 74).

³ Essa simbolização a que refere-se às diversas formas de “resistências do homem e de sua luta tenaz pela terra”, pois, “A terra, como indicado algumas vezes, encontra-se em estado de sono ou letargia; em outras, parece morta, esperando seu despertar que viria com o término da guerra” (Rabello *A construção da identidade em Terra Sonâmbula, de Mia Couto* 70); essa simbolização permite-nos auferir o descaso e o abandono perante o homem e a nação moçambicana.

Neste sentido, “é dessa forma que o espaço funciona como um princípio organizador central nas ciências sociais, ao mesmo tempo em que desaparece da esfera de ação analítica” (Grupta; Ferguson *Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença* 32). Os autores afirmam ainda que a territorialidade é reescrita no ponto exato em que é ameaçada de ser apagada e que no fundo a experiência de espaço é sempre socialmente construída e que a tarefa emergente é a politização dessa observação.

Notamos, no entanto, que essa noção está atrelada à desintegração social e cultural que sofrera o país, de encontro com a denúncia às atrocidades cometidas contra as populações. Vejamos os seguintes fragmentos que confirmam esse posicionamento: “esta guerra não foi feita para vos tirar do país, mas para tirar o país de dentro de vós”, “roubaram-vos tanto que nem sequer os sonhos são vossos, nada de vossa terra vos pertence, e até o céu e o mar serão propriedades de estranhos” (200).

Tuahir encontrara o miúdo já beirando a morte. “Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos o haviam abandonado. [...]. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez” (9). Muidinga parte, portanto, numa busca à procura de seus pais, dos quais não se recorda decorrente à doença que se sucede. Nesse sentido, a trama se sucede na maior parte, à beira da estrada, e é nela que eles avistam um machimbombo (ônibus) queimado, cheio de corpos carbonizados e encontram ao lado de um dos corpos das vítimas uma mala, dentro dela são encontrados cadernos que contam a história de Kindzu, o morto em questão.

Kindzu narra sua trajetória desde a partida de sua aldeia, após a morte do pai, a quem deixa de realizar um ritual que o perseguiria pelo resto da viagem, até o encontro com uma mulher chamada Farida. Sua saída da aldeia, na verdade, tem um objetivo: tornar-se um Naparama – uma espécie de guerreiro mágico, que luta contra os fazedores de guerra. Mas, para isso, precisa lidar com o fantasma da lembrança paterna, com a culpa de ter abandonado a mãe que se diz grávida há anos e a ausência do irmão, Junhito, desaparecido após ter sido condenado a viver em meio às galinhas.

Nessa perspectiva, temos a caracterização de tempo/espaço acerca de duas narrativas simultâneas, que se entrecruzam visitando múltiplas histórias em diferentes temporalidades e espaços, bem como outras que são constituídas através do imagético fornecido por meio da leitura.

Episódios que evidenciam as configurações espaciais

Tendo em vista os aspectos que se transcorrem acerca do espaço na narrativa, apontam-se deslocamentos, instabilidade identitária, bem como a possibilidade de reconstrução de valores, tradições e modos de vida a partir dos confrontos causados pela guerra. Seguindo esse desígnio, analisaremos as duas narrativas que atravessam o livro, apontando os episódios que denotam características espaciais, indo de encontro com fatores constituintes a realidade moçambicana.

Nesse sentido, os cadernos de Kindzu, atuam como recurso na busca do autoconhecimento de Muidinga, assim também como nos permite percorrer os espaços da guerra em temporalidades distintas. Da mesma forma, todo esse movimento temporal nos remete às tradições, às crenças e aos costumes de moçambicanos ao longo de sua história, movimento esse que se constrói na relação entre as histórias narradas nos escritos em assonância com outras que se configuram a partir da leitura do miúdo.

Por este ângulo, denota-se a amplitude espacial que a leitura dos escritos oportuniza à narrativa:

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade se serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz (...). Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo (15).

Embora a leitura possibilite a visão de um espaço harmônico, refletido por cores que compunham a paisagem, a qual reverbera a fé e a esperança, a realidade apresenta-se estática e devastada por desolação. “Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros

contemplam o mundo a desflorir” (9). No entanto, o que faz o tempo/espço se mover, é a dinâmica que as histórias de vida das personagens e das tradições apresentadas são narradas no livro, permitindo que o leitor adentre nessas configurações espaciais e seja também um sonâmbulo, ou seja, um viajante por entre esses espaços intermediados por diversas interações. A respeito desse efeito de sentido causado pelos cadernos de Kindzu, Fonseca e Cury (2008) comentam que:

Veja-se que os cadernos, que possibilitam a leitura que deles fazem os personagens e nós mesmos, reenviando-se mutuamente os espaços da terra e aquele que ocupamos como leitores, foram encontrados junto a um corpo morto. É como se esses cadernos, escritas de um morto, fossem deixados como herança de vida e abrissem esperança, possibilidades de reencontro de um espaço outro, subjacente à superfície de destruição (37).

É tenaz nesse momento a figura de um homem: “Enterram o último cadáver. O rosto dele nunca chega a ser visto: arrastam-no assim mesmo, os dentes charruando a terra” (12). Percebe-se aqui a resistência do homem e sua luta pela terra, haja vista que o corpo é arrastado com os dentes cravados no solo, tal como um arado lavrando o campo. Essas ações se dão na maior parte, dentro do machimbombo – ônibus que serve de abrigo para Tuahir e Muidinga, durante seus vagantes percursos. As personagens pouco se deslocam, do ponto de vista do espaço físico, embora remeta a modernidade, o ônibus outrora queimado, fazem com que os dois saíam somente para andar em círculos, assim “um velho e um miúdo, vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante” (9).

O que precede na narrativa é o movimento do tempo. Embora as personagens transitem apenas entorno do machimbombo, a leitura nos permite penetrar adentre espaços produzidos através do imaginário, é o que acontece quando visitam, por meio dos escritos de Kindzu, as histórias vividas por povos daquela comunidade e conseqüentemente outras que brotam dessa leitura. Como aponta o narrador “as estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo” (15).

Como podemos perceber até o presente momento, a perspectiva de mudança no que concerne ao espaço físico, não se apresenta de imediato. Em contrapartida, é interessante perceber que os deslocamentos identitários das personagens Tuahir e Muidinga são evidentes. Quando o miúdo descobre que sabe ler, e o faz todas as noites na companhia do velho Tuahir, é perceptível essa inversão de papéis, haja vista que segundo as tradições, os mais velhos detêm a sabedoria e a transmitem para os mais novos. Nesse sentido, o velho Tuahir, que não aprendera a ler, acaba conquistado pelas aventuras de Kindzu e torna-se um ávido leitor ouvinte.

- Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me ler mais desses escritos.
- Mas, ler agora, com esse escuro?
- Acendes o fogo lá fora.
- Mas, com a chuva, a lenha toda se molhou.
- Então vamos acender o fogo dentro do machimbombo. Juntamos coisa de arder lá mesmo.
- Podemos, tio? Não há problema?
- Problema é deixar este escuro entrar na cabeça da gente. Não podemos dançar nem rir. Então vamos para dentro desses cadernos. Lá podemos cantar, divertir (136).

Nesse momento, é imprescindível o entrecruzamento que acontece entre as narrativas. As mudanças espaço temporais que impulsionam as personagens, a partir das histórias lidas nos cadernos de Kindzu e a própria história de Tuahir e Muidinga, corroboram para a compreensão dos acontecimentos frisados na obra, como os motivos que provocaram a guerra, a ruptura das tradições e as considerações sobre a terra e as paisagens destruídas pela guerra.

Uma metáfora que retrata bem a imagem de Moçambique, bem como de toda a sua população, em meio aos conflitos políticos e sociais que afligiam o país, é quando Kindzu observa uma baleia na praia e compara seu país com um animal agonizando e violentamente sendo esquartejado por ávidos disputando pedaços de carne. Vejamos a narração da personagem:

O povo acorreu para lhe tirar carnes, fatias e fatias de quilo. Ainda não morrera e já seus ossos brilhavam no sol. Agora, eu via o meu país como uma dessas baleias que vêm agonizar na praia. A morte nem sucedera e já as facas lhe roubavam pedaços, cada um tentado o mais para si... Estou condenado a uma terra perpétua, como a baleia que esfalece na praia.

Se um dia me arriscar num outro lugar, hei de levar comigo a estrada que não me deixa sair de mim (23).

Podemos perceber nessa citação, o deslocamento causado pela guerra civil que se instalou no país, após a independência. Ou seja, apesar de ter conquistado a independência os percalços da guerra se mantiveram vivos, com uma conseqüente guerra civil, o que culminou num descaso político e social que destruiu a terra e a esperança de dias melhores.

É perceptível também, na questão dos deslocamentos, a ocorrência por meio de certos rituais que indicam a possibilidade de novos cenários e ambiências. Quando analisamos a história do velho Siqueleto, ancião que aprisiona Tuahir e Muidinga em uma rede, em uma das poucas tentativas de se aventurarem a se deslocarem dos arredores do machimbombo. Ao descobrir que o miúdo sabe escrever, permite que outro ritual se aconteça na cena textual, escrever o nome do velho Siqueleto na árvore simbolicamente esse ritual garante a perpetuação da geração dos Siqueletos. Grafar o nome tem a força da palavra dita, como notamos nessa passagem:

Passa-lhe o punhal. No tronco Muidinga grava letra por letra o nome do velho. Ele queria aquela árvore para parteira de outros Siqueletos, em fecundação de si. Embevecido, o velho passava os dedos pela casca da árvore. E ele diz: – Agora podem-se ir embora. A aldeia vai continuar, já meu nome está no sangue da árvore. Então ele mete o dedo no ouvido, vai enfiando mais e mais fundo até que sentem o surdo som de qualquer coisa se estourando. O velho tira o dedo e um jorro de sangue repuxa da orelha. Ele se vai definhando, até se tornar do tamanho de uma semente (69).

Simbolicamente, o velho torna-se semente, quando seu nome é escrito na árvore. Esse ritual configura a abertura para novos espaços para uma geração futura, para que novos caminhos sejam traçados e ocupem outros lugares. Essa passagem reflete, no miúdo, uma visão que aponta para um futuro idealizado, “a nossa terra ia se aquietar, todos se familiarizariam moçambicanos. E nos visitaríamos, como nos tempos, roendo os caminhos sem nunca mais termos medos” (67).

A pensar na morte de Siqueleto, Muidinga reflete o fato de a tradição ocupar outro lugar para propagar-se – metáfora que caracteriza bem a desvalorização dos saberes ancestrais em confronto com a modernidade, em Moçambique. Vejamos:

Não era o puro falecimento do homem que lhe pesava. Não nos vamos habituando mesmo ao nosso próprio desfecho? A gente vai chegando à morte como um rio desencorpa no mar: uma parte está nascendo e, simultânea, a outra já se assombra no sem-fim. Contudo, no falecimento de Siqueleto havia um espinho excrescente. Com ele todas as aldeias morriam. Os antepassados ficavam órfãos da terra, os vivos deixavam de ter lugar para eternizar as tradições. Não era apenas um homem, mas todo um mundo que desaparecia (84).

Dando sequência a essa reflexão de Muidinga, o jovem e o velho Tuahir encontram um velho conhecido do ancião que estava a cavar um buraco, que vinha a ser um rio. Em meio a uma paisagem desértica e calcinada pela guerra, o homem insiste, embora os que o assistem desacreditem que tal feito fosse possível, no sentido de que “as águas haveriam de nutrir as muitas sedes, confeitar peixes e terras. Por ali viajariam esperanças, incumpridos sonhos. E seria o parto da terra, do lugar onde os homens guardariam, de novo, suas vidas” (86). Percebemos então, o sonho de novos tempos, a caracterização de um novo cenário em meio aos destroços que a guerra já sucedera, pois, “suas águas serviriam de fronteira para a guerra” (86).

Pelos recortes e destaques feitos, podemos identificar no romance, cujo cenário/espço é uma terra como o próprio título diz “sonâmbula”, que se modifica constantemente, haja vista as transições advindas dos vários processos de guerra e de rupturas entre culturas e tradições. O personagem Tuahir nos estimula a pensar sobre espaços que poderiam ser ocupados sem a insensibilidade do humano de provocar conflitos. Nesse âmbito, o narrador dá razão à força do sonho e a esperança como meio dos quais se valem os homens: “O que faz a estrada andar? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro” (35).

Nesse sentido, o romance nos relata possibilidades de resistência às tradições, mas também nos incentiva a percebê-los em diálogo com outras, como quando os papéis se invertem na narrativa, e o lugar da oralidade é motivado pela

força da escrita. Ainda que a guerra consolide as experiências das personagens envolvidas, os espaços são reestruturados pela caminhada imaginária que as personagens empreendem nos arredores do machimbombo, colhendo as histórias que nascem da terra, ainda que esfacelada. As cenas do romance abarcam lugares, tradições e ideias, com vistas a elaborar novos espaços. Espaços de esperança, de acolhimento das diferenças culturais, de tradições e de novos engendramentos organizacionais.

Diante dessa perspectiva de pensamento, é importante retomarmos algumas questões iniciais para que outras possam ser lançadas à guisa de exemplificação. A construção de uma identidade, como já discutido anteriormente, é um fenômeno composto por muitos fatores que constituem o sujeito, dentre os quais destacam-se a composição de fatores culturais, econômicos e regras que regem um determinado território ou uma coletividade que constrói sua própria narrativa histórica, sua crença e seus objetivos.

Nesse aspecto, portanto, surge o que já chamamos no decorrer deste trabalho de uma escrita de resistência, uma escrita em que os limites espaciais e temporais se mesclam e se misturam nesse jogo intermitente de resgate às memórias e às resistências identitárias, de maneira geral. Desse modo, pois, como já dizia Amorin (2006): “O tempo transforma o indivíduo que transforma o espaço, num movimento dialógico, onde existe articulação com o espaço do outro” (Amorin 95). Proveniente de um território periférico, marcado pela colonização portuguesa e pela recente guerra civil, *Terra Sonâmbula*, revela-se de extrema importância para a análise da construção da identidade, haja vista que questiona a suposta condição de dependência política e cultural em que se encontram os povos africanos de língua portuguesa, a partir de muitos fatores que questionam o sujeito.

Trata-se de uma narrativa arraigada por questões ligadas a problemas que afligiam Moçambique. Como pudemos perceber anteriormente, a guerra que se instalara no país corroborou para uma série de descaracterizações em meio a uma sociedade predominantemente ágrafa, com índice de analfabetismo elevado e permeada pela tradição oral, portanto, a identidade nacional encontra-se num

estágio de ruptura, bem como a identidade das personagens que vivenciam todo esse processo de luta pela independência e por uma conseguinte guerra civil.

Nesse espaço limítrofe entre a realidade e a ficção é possível instaurar uma concepção assegurada no sonho da construção de um espaço novo, espaço no qual as personagens possam se reconhecer, onde fosse possível apoderar-se de uma identidade que foi fragmentada pela guerra, uma memória estilhaçada e uma ruptura cultural com a tradição oral e consequentemente com os valores ancestrais. A transição entre presente e passado, velho e novo, tradicional e moderno, se misturam e se completam de maneira a enriquecer a obra coutiniana de modo a refletir numa escritura literária com expressão nacional, porém viabilizando uma cultura local.

Considerações Finais

A partir da relação entre a guerra que permeava o país e a idealização de um sonho possível através do contato com a literatura, vemos na obra de Mia Couto uma refração de toda a cultura social que compreende Moçambique. Inteiramente ligado a questões que transcorrem o território moçambicano, o autor tenciona em suas vastas obras, uma conflitualidade de temáticas que promove ao leitor, em sua maioria, não-africano, a conhecer através da ficção toda a trajetória de lutas e desintegrações sofridas pelo povo moçambicano. No entanto, *Terra Sonâmbula* possibilita uma série de possibilidades de leitura, pois o autor apresenta recursos míticos, simbólicos, noções de tempo e espaço, passado e presente, novo, velho, tradicional e moderno, no intuito de preencher as narrativas com estórias que remetessem a acontecimentos da realidade moçambicana.

Visando que os estudos à essa área de conhecimento estão ainda em processo de transição, podemos concluir que essa pesquisa confere uma contribuição para os estudos relacionados à cultura e tradições Moçambicanas, do mesmo modo em que as consequências da luta pela independência e a recente guerra civil feriu a identidade de um povo abandonado e esquecido são abordadas, visando interesses políticos internos, noções que só foram possíveis através de uma fiel análise ao romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

Bibliografia

- Amorin, Marília. Cronotopo e exotopia. In: Brait, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave/Beth Brait*. (org.). São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.
- Avelino, Fabiana; Santos, Deividy Ferreira dos; Luna, Jairo Nogueira. A Tradição Oral no Romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. *Revista Diálogos*. 18. (2017). 25-45.
- Couto, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Diogo, Rosália. Configurações Espaciais em *Terra Sonâmbula*. *Cadernos CESPUC*. 21. (2010/2011). 72-78.
- Fonseca, Maria Nazareth Soares; Cury, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- . Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Literaturas africanas de Língua Portuguesa: Percursos da memória e outros trânsitos*. 1ª ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008. p.131-149.
- Grupta, Akhil; Ferguson, James. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença”. In: Arantes, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000.
- Hall, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- Mata, Inocência. Prefácio. In: Fonseca, Maria Nazareth Soares; Cury, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Oliveira, Luciana. *O ideário construtivo em Terra Sonâmbula*. *Revista África e Africanidades* – Ano III – n. 12 – Fev. 2001.
- Rabello, Mariana Clark Pires. A Construção da Identidade em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. *Cadernos CESPUC*. 21 (2010/2011): 64-71.
- Sarlo, Beatriz. *Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: EDUSP, 1997.
- Secco, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. “O mar nas letras moçambicanas”. In: ----- . (Org.) *Antologia do mar na poesia de língua portuguesa do século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas, 1999.

